

A urbanização contemporânea de Campinas e o processo de constituição da região do Jardim Campo Belo

Helena Rizzatti Fonseca

✉ helena.fonseca@ige.unicamp.br

IG/UNICAMP

Palavras-chave: urbanização, periferação, Campinas

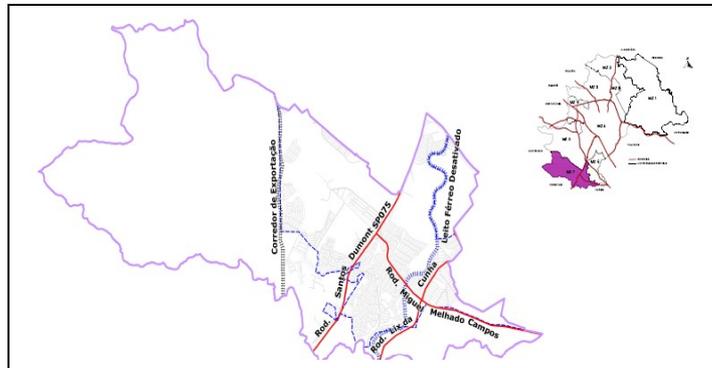
A cidade de Campinas acompanha o processo de urbanização brasileiro, transformando-se nas últimas décadas numa cidade corporativa e fragmentada (SOUZA, 2008). Neste contexto, em que a urbanização é impulsionada por interesses corporativos, intensificam-se a periferação, a segregação e o empobrecimento principalmente nas grandes cidades brasileiras (SANTOS, 1987, 1993, 1996, CORRÊA, 2000).

Em Campinas essa urbanização que segrega e divide o espaço urbano é notável. Conforme análise de M. C. Pires & S. dos Santos (2002, p. 57 e 58), pelas grandes diferenças na dinâmica de ocupação na fração nordeste da cidade, em relação ao mesmo processo na fração sudoeste da cidade, consolida-se, nesta última, um *“padrão de urbanização caracterizado pela precariedade dos assentamentos urbanos”*. De acordo com W. Cano & C. Brandão (2002, p. 127) 54,2% da população favelada e 72,9% da população das ocupações estão concentradas nas regiões sul-sudoeste de Campinas, denominado pelos autores como ‘eixo da pobreza’, enquanto 32,9% da população favelada e 12,9% das ocupações encontram-se nas regiões norte-nordeste, o denominado ‘eixo da riqueza’. As regiões sul e sudoeste constituem, assim, uma grande *zona opaca*¹ da cidade. E é na região sul que se

¹ De acordo com M. Santos & M. L. Silveira (2001: 264) “chamaremos espaços luminosos aqueles que mais acumulam densidades técnicas e informacionais, ficando mais aptos a atrair atividades com maior conteúdo

situa o Jd. Campo Belo, objeto de nosso estudo. Localizamos esse lugar na Figura 1.

Figura 1 – Localização da região do Jd. Campo Belo em Campinas



Fonte: SEPLAN/PMC

De acordo com o Plano Diretor de 2006, é na década de 1990 que ocorrem 44% das ocupações da cidade. Nesse período ganha, ainda, maior proporção o aumento da taxa de desemprego e de chefes de domicílio sem renda, como é analisado no artigo de M. Pochmann (2002: 140 e 145). De acordo com o autor, a taxa de desemprego na RMC, em 1991, é de 47,9 mil desempregados, enquanto em 2000 são 173,5 mil. Quanto ao número de chefes de domicílios sem renda, em 1991 eram 17,8 mil e no ano de 2000 são 51,3 mil na Região. De acordo com os dados da Agemcamp, para o ano de 2006, essas taxas são respectivamente de 11,3%, o equivalente a aproximadamente 275 mil pessoas da RMC, mantendo-se o crescimento do desemprego. É nesse contexto que a região do Jardim Campo Belo começa a ser ocupada pela população vinda, sobretudo, dos municípios da RMC.

Vale lembrar que Campinas se destaca no território brasileiro como um pólo tecnológico, ou tecnopólo²; hoje, há na cidade mais de quinze faculdades em

em capital, tecnologia e organização. Por oposição, os subespaços onde tais características estão ausentes seriam os espaços opacos. Entre esses extremos haveria toda uma gama de situações”, permitindo-se debater a influência da abundância e da escassez do acesso às técnicas e à informação nos diferentes lugares (SANTOS & SILVEIRA, 2001: 93).

² Este termo surge na década de 1970, quando as ações com tal intenção tem início, “para designar as atividades que associam o conhecimento técnico-científico desenvolvidos por universidades e instituições de ensino e pesquisa com a iminência de empresas baseadas em tecnologias avançadas” (FARIAS, 2004: 27).

funcionamento, dez centros de pesquisa e sete colégios técnicos, considerando os fixos públicos e privados juntos. Segundo a Universidade de Campinas, a cidade é responsável por pelo menos 15% da produção científica nacional.

Retomamos algumas análises de M. Santos sobre o processo de urbanização nacional, no qual a cidade de Campinas tem uma participação que deve ser levada em consideração. O autor nos lembra que “quanto mais os países se modernizam e crescem, mais as grandes cidades associam lógicas externas e lógicas internas subordinadas” (SANTOS, 1994b: 74). Ou seja, “como a cidade se torna, cada vez mais, um espaço que se organiza para abrigar as grandes firmas, isso reduz os recursos públicos possíveis de serem destinados à população, agravando a crise social.” (SANTOS, 1994a: 50).

O adensamento da periferação da cidade tem como primeiro impulsionador algumas políticas municipais que através do mecanismo de expansão da mancha urbana implantam loteamentos distantes da região central - com a manutenção de grandes vazios urbanos que realimentam a especulação imobiliária -, dos serviços e infraestruturas oferecidos nas áreas já habitadas da cidade, como ocorreu com a região do Campo Belo localizada a 16 quilômetros da área central de Campinas. A maior parte dos loteamentos da região foi implantada entre 1940 e 1970, período em que são aprovados catorze dos dezessete loteamentos. Entretanto, apenas um dos bairros (S. Domingos) foi densamente ocupado durante esse período³ e, hoje, é visivelmente uma área diferente em comparação a todos os outros dezoito bairros da região, pois o S. Domingos possui uma infraestrutura urbana que vem sendo instalada desde o início da sua ocupação.

Quando a região é ‘invasa’, entre fevereiro e março de 1997, durante o segundo mandato do prefeito Francisco Amaral, já estão constituídos cinco dos dezenove bairros. Segundo relatos de jornais e de moradores deslocaram-se para a área cerca de 500 famílias num mesmo dia e esse número cresceu exponencialmente, em questão de horas. Já a ocupação mais recente da região ocorreu em março de 2009, no bairro Jd. Colúmbia; logo, o processo de ocupação do lugar ainda está em andamento, afinal o *déficit* habitacional de

³ No ano de 1979, como legalizador dessa estagnação que perdura da década de 1950 até a invasão do lugar, incorpora-se o Decreto Estadual 14.031 em que foi declarada como de utilidade pública uma área de 20 km² para fins de desapropriação visando a ampliação do Aeroporto de Viracopos.

Campinas e Região continua se intensificando. Esta última ação de invasão envolvia em torno de dois mil novos barracos. Entretanto, esses novos moradores já foram retirados do lugar através das forças policiais municipais.

No período entre 1997 e 2006⁴, a população residente no lugar foi adquirindo seus modos de sobrevivência que possibilitaram a permanência e o adensamento populacional no lugar. Durante os trabalhos de campo alguns desses mecanismos foram relatados por líderes de Associações de Moradores da região. De acordo com eles, nos primeiros dias da invasão seus ocupantes construíram barracos de plástico, madeira e papelão, entre outros materiais, e cavaram um buraco na terra até atingirem o sistema de oferecimento de água encanada, implantado para atender ao bairro S. Domingos, para disponibilizarem aos novos moradores. Tal recurso era, ainda, retirado de duas lagoas que havia na região; nenhuma dessas fontes era de água potável. Através de aquisições, principalmente da SANASA, de mangueiras para ligação da fontes com as casas, e do envio de caminhões-pipa para alguns pontos mais distantes desse precário sistema de distribuição de água feito pelos novos moradores. Entretanto, o envio de caminhão-pipa, necessário até hoje em alguns bairros da região, é irregular e ineficiente. A aquisição de energia elétrica foi possível por meio de 'gatos' na fiação, e de alguns equipamentos disponibilizados pela CPFL de Campinas. O esgoto teve como principais destinos as fossas sépticas, feitas pelos próprios moradores, e as valas das ruas demarcadas e abertas por eles com o tempo. Além disso, o auxílio de ONGs e de algumas igrejas da cidade com a oferta de alimentos e alguns serviços também começaram a chegar na região nos anos seguintes. Hoje, vivem em torno de 50 mil pessoas nesse lugar.

Reforçamos que no período de quase dez anos (1997-2006) poucos serviços públicos foram instalados. Não havia minimamente o serviço de água encanada, luz elétrica e sistema de esgoto oferecido pela Prefeitura. Destaca-se, assim, para nós, além da ausência

⁴ Em 2006, através de um acordo entre os governos municipal, estadual e federal e a INFRAERO, foi decidido modificar a área na qual ocorrerá a futura expansão do aeroporto, deixando-se, portanto, de se direcionar para o Jd. Campo Belo. E foi implantado um projeto social para a região que também foi analisado na pesquisa. A nova região em que tal expansão ocorrerá possui grande parte do seu terreno na área rural de Campinas e exigirá um número inferior de desapropriações. Se tal desapropriação ocorresse na região do Jd. Campo Belo exigiria a remoção de 7 mil famílias, na nova área serão 200 famílias em um total de 12 bairros com mais de 3 mil lotes e 88 áreas rurais.

do governo municipal para melhorar a situação de vida dessa população, a importância dos diversos mecanismos criados pelos 'invasores' para permitir sua sobrevivência no lugar.

Referências bibliográficas

CANO, Wilson & BRANDÃO, Carlos A. **A Região Metropolitana de Campinas: urbanização, economia, finanças e meio ambiente**. Vols. 1 e 2. Campinas: Unicamp, 2002.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2000.

FARIAS, Hélio Caetano. **Circuitos espaciais e círculos de cooperação da produção de alta tecnologia em Campinas: reflexões sobre o planejamento territorial**. Monografia. (Graduação em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

MESTRE, Ana Paula. **Os usos do território e as políticas urbanas: o Jardim Campo Belo no processo de fragmentação da cidade de Campinas**. Dissertação. (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

PIRES, Maria C. Silvério & SANTOS, Sarah Monteiro dos. Evolução da mancha urbana. In: FONSECA, R. B et all. (orgs). **Livro Verde para a Região Metropolitana de Campinas**. Campinas, SP: Unicamp IE. 2002.

POCHMAN, Márcio. "Emprego, Renda e Pobreza". In.: FONSECA, R. B et all. (orgs). **Livro Verde para a Região Metropolitana de Campinas**. Campinas, SP: Unicamp IE. 2002.

SANTOS, Milton. **O espaço do cidadão**. São Paulo: Nobel, 1987.

SANTOS, Milton. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

SANTOS, Milton. **Por uma economia política da cidade**. São Paulo: Hucitec, 1994a.

SANTOS, Milton. **Técnica, espaço e tempo**. São Paulo: Hucitec, 1994b.

SOUZA, M. Adélia de. **A MetrÓpole e o Futuro: Refletindo sobre Campinas**. Campinas: Territorial, 2008.